12-03-2020

Você se lembra das Capitanias Hereditárias?

Annibal Coelho de Amorim

[Médico. Doutor em Saúde Pública]

Entre os leitores do Opinião/VISAT todos já sabem, quando fico insone eu pego meu laptop e uso como "relaxante muscular" e não é difícil reconhecer que no atual "Brasil de meu Deus", cheios de fatos e sobressaltos o que tem de gente com insônia não é brincadeira não.

Um amigo meu de longa data me disse uma vez que "o Brasil não é país para amadores" e eu tinha dificuldade para entender o que ele quis dizer mas acho que passadas as impressões que vivíamos em um paraíso tropical, os tempos para lá de sombrios fizeram com que eu me detivesse na análise dessa frase enigmática.

Dos fatos relativamente recentes (a militarização progressiva dos escalões do governo cuja frase/epígrafe é "Deus Acima de Todos"), me vi diante uma histórica constatação: "as capitanias hereditárias estão de volta".

Para refrescar a memória dos leitores recorro aos livros de história - porque tão odiados nos dias de hoje? -.

Resgato que no Brasil Império, pelas dimensões continentais do país, com o objetivo de melhor controlar o poder de governar, a Corte Portuguesa implementou as Capitanias Hereditárias, que, em síntese, representavam áreas, ao longo do território, comandadas por pessoas próximas ao governo central da Coroa Portuguesa.

Nasciam assim, entre 1534 e 1536, as 14 Capitanias Hereditárias, um aspecto prototípico do que podíamos chamar de "estados dentro de um Estado".

Donatários da Coroa Portuguesa estiveram à frente dessas capitanias, que por seu caráter "hereditário" reforça um traço "quase familiar de proximidade com a corte portuguesa", significando dizer que só aos "graúdos" era dado o direito de "mandar e desmandar" nos tempos de outrora, e olha que não precisava nem mesmo ter a patente de "capitão". Imaginem só "isso aí". Naquela época, para manter o controle da produção econômica local, os capitães hereditários inventaram e ainda criaram a malfadada figura dos "capitães do mato".

Os capitães hereditários (donatários de ontem) possuíam alguns privilégios jurídicos e fiscais como:

- escravizar indígenas;
- cobrar tributos e doar lotes de terra não cultivados (sesmarias);
- explorar a região e usufruir de todos seus recursos naturais (donde uma porcentagem pertencia à coroa), desde animais, madeira e minérios.

Será que existe alguma semelhança com os capitães hereditários de hoje?

Os tempos mudaram, mas precisamos admitir que se nos tempos da outrora Corte Portuguesa "quem tinha padrinho não morria pagão" (talvez morresse Capitão Hereditário), hoje mais do que nunca quem tem "'patente" leva uma vantagem danada: não entra em fila do Bolsa Família e do INSS; é sempre chamado para uma "missão nobre aqui e ali", e, se tiver a sorte de ter o título ranqueado de capitão do poder, podemos dizer que sua "linha genealógica" será para sempre afortunada. Não vai aqui nenhuma crítica aos senhores e senhoras de farda, longe de mim.

Estou apenas fazendo uma aproximação entre os tempos de ontem e os de hoje através da analogia entre os capitães hereditários de ontem e os de hoje. Sobre os capitães hereditários de ontem já falamos um pouco.

Com certo grau de tristeza, cumpre-nos constatar que os capitães de hoje tem características no mínimo preocupantes: seu material genético revela traços autoritários, voltados quase sempre para grupos de suporte que se identificam com as causas homofóbicas, racistas, xenófobas, chegando mesmo - pasmem os leitores - a apoiar a tortura, a ditatura, quando não condecoram ex-capitães vinculados a grupos de extermínio.

Sua egolatria se confunde com a falta de compromisso com outros grupos diferentes aqueles que herdaram a influência distribuída e organizada sob a forma de milícias digitais, fenômeno que fortalece as capitanias hereditárias do ódio e da intolerância. Enquanto, no passado, os capitães hereditários eram correias de transmissão da Coroa Portuguesa com o propósito de controlar a vastidão do território continental, os capitães de hoje assombram o mundo quando se pronunciam contra as causas indígenas, contra os direitos dos trabalhadores e, por incrível que pareça, posicionando-se ao lado dos terraplanistas e os *haters* (difusores de ódio) de outros continentes.

Como reagir diante destas capitanias hereditárias do século XXI? Concordo em gênero, número e grau com as reflexões de Boaventura Sousa-Santos em seu texto sobre a necessidade de se desenvolver um processo insurgente coletivo que se alinhe com o "exercício da economia de cuidado para com a natureza."

Por mais que continue a se propagar (neste e em outros continentes) este "material genético" de capitães hereditários do século XXI, há de se organizar os debates e conclaves de insurgência, como contracultura necessária ao bem da condição humana.

Mas os humanos sempre podem nos surpreender a cada dia com um ato de insurgência contra "capitães hereditários". Uma vaia ali, um outro NÃO aqui, até que esta insurgência se transforme em uma rejeição massiva e popular, uma onda incontrolável que é capaz de promover uma verdadeira higiene cívica contra toda sorte de "epidemias hereditárias" ... Basta, simplesmente!

▪▪▪

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.